

«*Ele há várias coisas...*» - uma abordagem enunciativa

HELENA TOPA VALENTIM
(Universidade Nova de Lisboa)

Em português, sobretudo no registo oral, pode verificar-se um tipo de construção como o que se encontra nos enunciados que se seguem:

- (1) *ele há uma bomba ali, ao virar da esquina* (CRPF, ref. 5707329 1066-22-A0)
- (2) *ele há o filho do Pedro, que muito se ajeita nesses trabalhos*
- (3) *ele há bandeiras retalhadas, ele há bandeiras inteiras, ele há bandeiras feitas de lego* (Expresso, 23-08-97)
- (4) *ele há pessoas conhecidas que lá costumam ir* (CRPF, ref. 5707301 145-10-H02)
- (5) *ele há cada uma!*

Característica comum a estes enunciados é a forma pronominal *ele* que, ao ocorrer junto do verbo introdutor de existência *haver*, realiza sintacticamente um “pseudo-sujeito” deste mesmo verbo.

É objectivo desta comunicação fornecer um contributo para a descrição e explicação deste facto que, como pretendemos demonstrar, é enunciativamente relevante, constituindo a marca de uma operação subjacente e assinalando, deste modo, aquilo que, em termos metalinguísticos, corresponde a uma localização relativamente a um sistema de coordenadas enunciativas. Interessar-nos-á ainda salientar a forma como o estudo desta construção permite uma mais clara compreensão da cadeia de operações subjacentes à construção da existência linguística.

Começemos por atender a algumas considerações que foram merecendo, por parte de vários linguistas, as partículas adverbiais que, com realização morfológica no inglês e no castelhano, ocorrem na predicação da existência marcada pelos verbos *there to be* e *haber*.

Várias gramáticas e diversos autores atribuem um sentido “locativo” ao verbo *haver*. Lyons, nomeadamente, observando que “a asserção de que algo existe ou existiu requer complementação com uma expressão locativa (ou temporal)”, sugere que “as frases

existenciais [no caso do inglês, da forma *there to be*] podem ser descritas como implicitamente locativas” (1968: 390).

Esta similitude que Lyons diz ser “óbvia” entre o que designa como “frases locativas” e “frases existenciais” pode relacionar-se com a natureza da operação de localização de uma ocorrência (extraída da classe de ocorrências abstractas da noção) relativamente ao parâmetro metalinguístico constituído pelas coordenadas enunciativas (subjectiva e espaço-temporal) que integram a situação de enunciação origem: trata-se de uma operação de localização que se processa no enunciado em curso e que, em português, conforme observamos pela presença do verbo *haver*, se encontra enunciativamente marcada.

Além do que sucede em inglês – do emprego do que fora originalmente um “advérbio locativo” (*ibidem*: 391) *there (there is / are)* –, diversas línguas europeias registam, nos casos de construção de existência, o emprego expresso de uma forma linguística de natureza adverbial. Lembremos, por exemplo, o emprego em italiano da forma *ci (ci sono)*, em francês, *y (il y a)* e em alemão, da forma *da (ist da ou dasein)* – palavra que, embora passível de ser traduzida para português pela única palavra disponível “existência”, corresponde literalmente a “o estar-aqui” ou a “o ser-aqui”).

Esta observação conduz a um claro reconhecimento do paralelismo semântico entre “construções existenciais e locativas” e leva Lyons, por exemplo, a designar o uso de *there* nestas “construções existenciais” como “expletivo” (que – diz – “não é geralmente encontrado em frases locativas com um sujeito definido”) (*ibidem*: 393).

R. Quirk *et alii*, em *A Comprehensive Grammar of English Language* (1985: 1402-1414) considera, de entre as “frases existenciais”, as “construções com *there*” e define esta partícula adverbial como “pseudo-sujeito” (*ibidem*: 756) e como “elemento falso colocado antes do sujeito e do verbo” (*ibidem*: 1048).

O carácter de “pseudo-sujeito” e de “falsidade” associado a esta partícula adverbial, presente no inglês e nas outras línguas europeias referidas, aproxima-se também da classificação que, na *Gramática da Língua Portuguesa* (da responsabilidade de Mateus *et alii*), se propõe para o verbo *haver*. A propósito do sujeito como “categoria vazia”, afirma-se, relativamente ao verbo *haver*, que se trata de “um verbo impessoal, isto é, um verbo que não selecciona argumento externo” ([1983], 1989, 212). Em consequência, “a categoria vazia” que ocorre em frases como *há uma bomba ali, ao virar da esquina* ou *há pessoas conhecidas que lá costumam ir* “na posição de sujeito não tem natureza argumental: é um pro expletivo, isto é, um pro não argumental” (*ibidem*).

O caso do verbo castelhano *haber* permite-nos, igualmente, verificar a presença de uma característica adverbial, morfologicamente inscrita na forma conjugada *hay*. A consciência relativamente a este facto está de tal forma ausente para o sujeito falante, que só uma incursão pela diacronia nos permite dar conta dele. Recorramos, portanto, à etimologia do castelhano e consideremos o facto de, até ao fim do século XIV, ocorrer junto do verbo *haber* uma partícula com função de pronome anafórico: “o adverbial *y*” (Ferreira, 1981: 264). Paralelamente a *aver*, conjugava-se *aver y* “em todos os tempos e modos, cujo presente do indicativo era *y a* ou *a y*” (*ibidem*). Progressivamente, vai-se

verificando a aglutinação do anafórico com a forma da terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *aver*, de que resulta *ay*. Em todos estes casos (em que se verifique ou não a aglutinação), a função do pronome anafórico *y* – diz José Azevedo Ferreira – é a de “reforçar a ideia de existência de *aver* e de atribuir por anáfora, a esta ideia de existência, um lugar singular, mental ou espacial (...) evocando implícita ou explicitamente (...) onde está situado o objecto” (*ibidem*: 264-265).

Uma vez aglutinada a partícula *y*, a função de pronome anafórico quase não está representada. Surge sob a forma de um sufixo na expressão *hay* que “afirma, em geral, uma existência (...)” (*ibidem*: 270): “(...) a função de *y* deixa de ser a de ‘representante de lugar – ou parte do espaço – que ocupam os seres ou os objectos cuja existência se afirma’, para se converter apenas num sufixo que se associa ao verbo *haber* impessoal cada vez que este ocorra no presente do indicativo.” (*ibidem*).

Ainda citando o estudo de José Azevedo Ferreira, salientamos que, aquando do seu uso como anafórico, o pronome *y* fazia referência, ora a um “lugar explicitamente evocado no enunciado” (*ibidem*: 265), ora a um “lugar implícito (...) que é aquele mesmo que ocupam os interlocutores” (*ibidem*: 266-267). Este facto mais não atesta senão o estatuto do verbo *haver* (aliás, semanticamente bastante próximo do castelhano *haber*) como marcador de uma localização em relação a um espaço referencial e, por conseguinte, como predicador de existência.

Numa perspectiva de reconstrução da significação do enunciado a partir do reconhecimento de marcadores das operações que são subjacentes às formas empíricas, dizemos que ao verbo *haver* corresponde a função de localizador de uma ocorrência em relação à situação de enunciação. O verbo *haver* é, por isso, uma forma caracteristicamente introdutora de existência, marca a predicação de existência.

A predicação de existência, assim considerada no interior da teoria formal enunciativa proposta por Antoine Culioli, constitui um facto enunciativo pois resulta de processos referenciais. A predicação de existência decorre da construção, na e pela enunciação, de um sistema complexo inter-subjectivo, isto é, da construção de um espaço referencial localizador último de objectos metalinguísticos construídos como linguisticamente localizáveis.

Este espaço referencial compreende os parâmetros enunciativos subjectivo (S) e espaço-temporal (T), isto é, os parâmetros / coordenadas constitutivos da situação de enunciação-origem. Situação de enunciação-origem é pois a designação para o localizador último das estruturas abstractas que o sujeito constrói na e pela enunciação. Sit₀ (S₀,T₀) (representação metalinguística de situação de enunciação origem) é um parâmetro também ele teórico, metalinguístico, não um parâmetro de uma situação de enunciação empírica (não é historicamente determinado, portanto). Resultam desta localização, e na sequência de um encadeamento de operações de localização, os valores de determinação nominal e de determinação verbal que caracterizam o enunciado.

Em português, não se verificando a realização de qualquer partícula morfológica de natureza adverbial, pode, no entanto, ocorrer a construção patente nos enunciados (1) a (5) onde, através da realização sintáctica de um “pseudo sujeito” (*ele*), se dá expressão linguística ao localizador absoluto relativamente ao qual se localiza a ocorrência extraída da classe de ocorrências abstractas da noção, ocorrência esta que, assim validada como existente linguístico, ganha determinação.

A forma pronominal *ele*, ocorrendo junto do verbo introdutor de existência *haver*, marca a localização situacional que – conforme verificámos –, pelo menos nos casos do inglês e do castelhano antigo, é expressa por uma partícula adverbial com valor locativo, respectivamente *there* e *y*. O pronome *ele* em coocorrência com *haver* – na construção *haver um N* como nas construções *haver o N* e *haver Ø N* – corresponde, pois, a uma marca linguística, expressa, da operação metalinguística de localização situacional. Marca, pois – e de forma muito evidente – a **predicação de existência** de uma ocorrência da noção lexicalizada em N, fornecendo-lhe uma *ancrage*, um *site*.

A construção *ele haver um N* (ilustrada no enunciado 1) – preferencial a *ele haver o N*, senão quando devidamente contextualizada – marca uma operação de extracção de uma ocorrência da classe de ocorrências abstractas que estruturam a noção, bem como a sua localização relativamente à situação de enunciação. Assim, o enunciado (1) introduz uma ocorrência da noção lexical /bomba/. O artigo indefinido é um marcador evidente e fundamental desta operação de construção: marca uma operação de extracção de uma ocorrência qualquer (indiscernível) da classe de ocorrências abstractas associadas à noção. Isola-se uma determinada ocorrência da noção a que, pela localização em relação a um espaço referencial marcado pela forma pronominal *ele*, se atribui referência.

Ocorrendo com uma expressão nominal definida, no enunciado (2), a construção *ele haver o N* não marca, naturalmente, uma operação de extracção. Uma expressão nominal definida indica sempre que a validação da noção correspondente a N não depende das relações definidas pelo enunciado em curso. O artigo definido retoma uma ocorrência da noção construída exteriormente. Ora, marcando o verbo *haver* uma predicação de existência o que o torna naturalmente compatível com uma expressão referencial indefinida, para a boa formação do enunciado (2), consideraríamos, exterior a si, uma contextualização que, sob a forma de uma pergunta existencial, pré-construísse a existência de “o filho do Pedro”. Temos, assim o enunciado interrogativo (2') – possível pergunta relativamente à qual o enunciado (2) seria resposta – que pré-constrói uma classe de ocorrências.

(2') *há alguém que conserte canalizações?*

Por via deste enunciado interrogativo assegura-se a pré-construção existencial necessária para que uma expressão definida ocorra numa construção com o verbo *haver*, neste caso, antecedido pelo pronominal *ele* – construção que é, por excelência, marcadora de construção da existência. O pronome indefinido *alguém*, conjugado com a natureza interrogativa do enunciado, marca uma operação de percurso (percurso rugoso) pela classe

de ocorrências, havendo, portanto, uma individuação possível dos elementos da classe. Sem que se proceda à extração de uma ocorrência (isto é, sem que se valide nenhuma ocorrência), dá-se conta de um lugar argumental vazio na relação predicativa, cujo preenchimento se solicita ao coenunciador tendo em vista a saturação daquela mesma relação.

Associado ao verbo *haver* neste contexto interrogativo, *alguém* marca uma operação fundamentalmente quantitativa: indaga-se a existência. Diríamos que a boa formação do enunciado (2) decorre, na sequência da contextualização proposta, desta pré-construção existencial metalinguisticamente esboçada pela operação de percurso verificada no enunciado (2'). A expressão referencial definida *o filho do Pedro*, enquanto resposta, fornece uma especificação o que justifica, portanto, o emprego de uma expressão definida.

Consideremos, ainda a este propósito, o enunciado (3). A enumeração de termos corresponde à especificação existencial e, conseqüentemente, permite a associação do verbo *haver* antecedido pelo pronominal *ele* a expressões definidas.

São as propriedades secundárias *retalhadas, inteiras e feitas de lego* que localizam a ocorrência integrando-a numa relação predicativa, por sua vez localizada em relação à situação de enunciação, sendo esta localização, neste caso como nos outros referidos, marcada pela construção em que o pronominal *ele* antecede o verbo *haver*.

O enunciado (5), tratando-se de um enunciado exclamativo, corresponde a uma avaliação subjectiva, assinalada por um marcador prosódico que, na impossibilidade de caracterizar, nos limitamos a referir.

Estamos, neste caso, perante uma outra forma de estabilização existencial. A expressão *cada uma* é, neste enunciado, a imagem de todas as ocorrências. Não há um valor de referência definido. Seja qual for a quantidade-qualidade que determine a ocorrência (que é pura ocorrência associada a qualquer noção), a sua estabilização referencial faz-se por referência a um valor extremo, a uma qualidade extrema, para lá das palavras e para lá do imaginável (*ele há cada uma que nem te digo nada!*). Por se introduzir um definido (*uma*), assinala-se, pois, uma discretização, constrói-se referência singular, diferenciada em relação às outras, não significando, contudo, esta singularização senão a existência de uma propriedade implícita, não dita, que remete para o indizível do grau extremo.

Esta infabilidade da qualidade extrema (o ser para lá das palavras e do imaginável) opera o reenvio à homogeneidade e à identificação a si mesmo (*ele há cada uma como ele há*), marcando o pronominal *ele* em coocorrência com *haver*, neste como nos outros enunciados, a localização em relação à situação de enunciação origem, localizador absoluto das estruturas abstractas que subjazem a este enunciado.

Em jeito de conclusão, diríamos que a construção que justificou esta comunicação – *ele haver um / o / Ø* – não é senão a expressão muito evidente de que a localização relativamente a um sistema de coordenadas enunciativas – sendo aliás transversal a toda a actividade linguística – subjaz, como operação metalinguística, ao estabelecimento de um referente no discurso. Isto é, corresponde à localização última na cadeia de operações subjacentes à predicação de existência. Pela forma pronominal *ele*, parece emergir, à superfície das nossas realizações linguísticas, a evidência desse lugar, desse *site*, provando

– como afirma Lacan nos seus *Écrits* – que tudo “só tem sentido se for, não somente [...], representado, mas também enunciado” (1966: 322).

BIBLIOGRAFIA:

- CAMPOS, M. H. C. 1997 - *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Lisboa, Porto Editora.
- CULIOLI, A. 1990 - *Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations*, Tome I, Paris, Ophrys.
- FERREIRA, J. de A. 1981 - «Les verbes *haber - tener* et l'emploi de l'anaphorique y dans le Libro de los Gatos», *Boletim de Filologia XXVI*, Lisboa, INIC.
- LYONS, J. 1968 - *Introduction to Theoretical Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- MATEUS *et alii.* [1983] 1989² - *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Caminho.
- QUIRK, R. *et alii.* 1985 - *A Comprehensive Grammar of English Language*, London, Longman.
- VALENTIM, H. T. (no prelo) - *Predicação de existência e operações enunciativas*, Lisboa, Colibri.